

---

LOBIVAR MATOS NA PERIFÉRICA REGIÃO GLOBAL: VIDA E OBRA\*

---

PAULO SÉRGIO NOLASCO DOS SANTOS\*\*

---

RESUMO

Este ensaio visa a divulgar uma pesquisa acerca da obra do escritor sul-mato-grossense Lobivar Matos. Trata-se, principalmente, da ampliação dos focos de estudos sobre o acervo de um escritor regionalista cujo nome e obra mostraram-se de significativa produtividade para os estudos culturais contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Lobivar Matos, pesquisa, estudos culturais, região sul-mato-grossense.

---

Eu sou o poeta desconhecido...  
Lobivar Matos

Em 1998, organizei um Ciclo de Literatura que tinha por objetivo discutir a produção literária de escritores sul-mato-grossenses. Esse ciclo, por si só, constituiu um significativo arquivo de informações que requeriam registro em publicação, preterido em virtude de outros projetos em curso. Entre outros presentes naquele evento – além dos escritores Brígido Ibanhes, Nicanor Coelho, Emmanuel Marinho, do artista plástico Paulo Rigotti e do músico Jerry Espíndola –, o professor José Pereira Lins tinha sido convidado para discorrer sobre a vida e a obra do poeta Lobivar Matos. Àquela altura, parecia que o “nome” Lobivar era de uma exclusividade própria da biblioteca do eminente professor, que,

---

\* Comunicação apresentada, em versão embrionária, em reunião da linha Limiares Críticos do GT de Literatura Comparada da ANPOLL.

\*\* Professor Associado na Universidade Federal da Grande Dourados. Doutor em Literatura Comparada.  
E-mail: paulonolasco@uol.com.br

Recebido em 10 de maio de 2006  
Aceito em 14 de agosto de 2006

como se soube depois, tinha dedicado um longo período de sua vida pesquisando a vida do poeta e reunindo um farto e valioso acervo acerca de sua obra.

A partir de então, o nome de Lobivar deixou de ser mais uma exclusividade da biblioteca do ilustre professor e passou a interessar-me em aspectos tão variados dos estudos literários, como, por exemplo, o do interesse pela vida, obra, tempo e lugar onde o escritor escreveu seus reconhecidos poemas. Interessei-me, portanto, de modo particular, pelo aspecto “biográfico” propriamente dito, sobretudo pelas descobertas que, muito recentemente, realizamos em torno da família do escritor, até então considerado um solitário que não deixou nenhuma descendência. Sobre tais aspectos valorativos da vida e obra de Lobivar Matos é que pretendo escrever neste artigo, com o objetivo maior de chamar a atenção para o “nome” do poeta e de sua reconhecida produção lírica, que, por várias razões, merecem atenção da crítica literária e cultural. Sob essa perspectiva, a crítica biográfica em particular poderá contribuir enormemente para o conhecimento da trajetória poética de Lobivar.

No espaço deste artigo, não visio a fazer crítica biográfica; proponho a descrição e o registro iniciais do que aqui se anunciou, mais valorizando o contato com as fontes primárias do arquivo sobre o poeta, na intenção de que futuros estudos venham a contemplar o rico acervo artístico e cultural que atravessa e compõe a vida e obra de Lobivar Matos.

Naquela ocasião, em 1998, meu encontro com o poeta foi decisivo e marcante para a apreciação da sua poesia e para o comentário que aqui quero fazer, com a feliz coincidência de um projeto que visa à reedição das duas obras do poeta, atualmente raríssimas, por isso mais que celebradas, no momento em que se comemora o aniversário de Lobivar, nascido em 12 de janeiro de 1915.

O entusiasmo pela obra de Lobivar levou-me não só à inquietação acerca do relativo “desconhecimento” de sua poesia até mesmo em nosso estado, da total ausência de leitura de sua obra e da escassez de trabalhos críticos sobre ela, mas também a um sentimento de responsabilidade

em torná-lo um autor mais conhecido e admirado. Reconheci logo que não era tarefa fácil, pois seus dois livros de poesia estavam esgotados e constituíam objeto de fetiche para quem ainda possuísse uma edição já deteriorada deles. Enquanto aguardava a reedição, avalei que algumas iniciativas necessitavam ser tomadas com relação à inserção de sua obra no meio acadêmico e da crítica universitária, também no sentido de reforçar a necessidade de publicação da obra completa do autor.

Durante aquele Ciclo de Literatura, o Professor Lins presenteou-me com uma cópia do poema “Sol”, inédito, em manuscrito do próprio Lobivar, escrito no Rio de Janeiro em 1938,<sup>1</sup> e mais um “dossiê” intitulado *Lobivar Matos: o homem e o poeta* – cópia única – que trazia apreciações críticas de intelectuais brasileiros tão destacados como Tasso da Silveira, entre outros. Com base nesse material, imediatamente escrevi um *paper* para ser apresentado em reunião do GT de Literatura Comparada, durante o XV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), realizado na cidade de Niterói, no qual eu considerava a figura do poeta desconhecido como um nome-signo emblemático da própria vida da literatura enquanto história dos seus textos. Esse *paper* foi publicado integralmente em CD-ROM em anais da Associação. No afã de ver as obras do poeta publicadas e ao alcance dos leitores e das bibliotecas públicas, escrevi um projeto intitulado “Encontro com escritores sul-mato-grossenses”, endereçado à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, através do Professor Lins, no qual se registrava a necessidade imediata de valorização e atenção ao patrimônio artístico-cultural do estado. Em seguida, anos depois, tive o prazer de participar da banca de mestrado da professora Susylene Araújo, num trabalho pioneiro, que se dedicou ao comentário crítico e à recolha de uma parcela expressiva do *corpus* da obra de Lobivar Matos.

Hoje, transcorridos quase setenta anos desde que o poeta escreveu o poema “Sol” e com a previsão de reedição de sua obra, ainda registram-se, *grosso modo*, dois fatos que se interligam na vida literária, na crítica e na

academia. O primeiro, e gerador de maior inquietação para mim, estudioso de literatura e cultura, dizia respeito ao meu próprio desconhecimento, até então, de um nome expressivo da literatura de meu país, agravado mais ainda por se tratar de um poeta sul-mato-grossense. O segundo fato que me chamou a atenção foram os reveses e os (des)caminhos aos quais o sucesso ou a fortuna de um autor e sua obra estão submetidos. A história literária, freqüentemente moldada por interesses vários e de mercado – em especial da alfândega nem sempre atenta – inexoravelmente projeta alguns nomes e condena outros ao silêncio e ao repouso, no depósito das mercadorias que não encontraram boa cotação em seu tempo; quando não, relega-os ao esquecimento total.

Ao receber uma cópia do poema “Sol”, em manuscrito do próprio Lobivar, mais o “dossiê” elaborado pelo Professor Lins, e sabedor de que todo o legado do poeta estava à minha disposição na biblioteca do Professor, em Dourados, inclusive as primeiras e únicas edições de *Areôtorare* e *Sarobá*,<sup>2</sup> publicadas em 1935 e 1936, respectivamente, percebi que contava com um *corpus* de estudo que poderia dar consistência a um significativo projeto de pesquisa. Além disso, o próprio epíteto “o poeta desconhecido”, com o qual se batizara para sempre Lobivar Matos, oferecia uma chave importante para repensar as condições socioculturais que interagem na divulgação de um nome, de uma obra e até mesmo de uma região em especial. Pois, assim como se reconhece uma inteligente percepção no domínio da arte poética na obra lobivariana, também se observa o quanto sua cidade natal, Corumbá (MS), a cidade branca – com seu famoso e histórico casario do porto e o bairro negro – está presente nos poemas do autor. Quase setenta anos depois, o cognome “poeta desconhecido” faz ressoar a importância da obra do autor não só para a historiografia sul-mato-grossense como também especialmente para a literatura nacional, fato já salientado por estudiosos como Tasso da Silveira (apud LINS, 1998, p. 20), que notou: “Lobivar Matos vem jogando com as cadências novas. Nasceu para a poesia em pleno ambiente modernista. Há um ímpeto forte em vários

dos seus poemas. O sangue bororo que traz nas veias possivelmente nos reserva alguma surpresa para o futuro”. Já o célebre poeta sul-mato-grossense Manoel de Barros (apud LINS, 1998, p. 20), amigo e contemporâneo de Lobivar, em jornal do Rio de Janeiro, também registrou com propriedade a “roupagem” modernista que justifica a atualidade de Lobivar Matos:

Aprecio a roupagem simples com que Lobivar Matos vestiu seus poemas. Não possuem aquele entochamento da terminologia clássico-acadêmica. Pelo contrário, seu vocabulário é folclórico, apanhado do povo distante, de lá de Mato Grosso. Os estudiosos de costumes regionais têm em *Sarobá* uma fonte de estudos. Estou certo que o livro de Lobivar Matos, bem lotado de imagem e de realismo abriu para os jovens do Brasil a janela ampla que dá para a arte moderna, humana e sem preconceitos.

Há que sublinhar, com efeito, a maestria com que o poeta corumbaense se utiliza do verso livre, da notação elíptica do verso e da disposição gráfico-espacial na folha em branco, num procedimento modernista, para criar imagens que, como no poema “Aranha tecedeira”, brotam da própria tessitura textual para significar a relação analógico-comparativa entre a aranha tecedeira e o poeta que tece “sem glória, fios de seda, fios leves de ouro nas folhas da sensibilidade humana!” (MATOS, apud LINS, 1994, p. 29). Nesse sentido, relações de homologia entre os versos do poeta e os do autor de *Da educação pela noite*, João Cabral de Mello Neto, podem ser justificadas, por exemplo, nos poemas “Tecendo a manhã” e “Catar feijão”, entre outros. Os versos de Lobivar tematizam a grandeza das coisas simples, que muitas vezes lembram a poética de seu contemporâneo Manoel de Barros, em especial no *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, obra manoelina. Como nesta primeira estrofe do poema “Lavadeiras”: “A manhã – lavadeira velha –/ esfregou o sol/ e o estendeu na terra pra secar...” (MATOS, 1935, p. 21).

Dentro dessa perspectiva, o cognome com o qual se batizou Lobivar Matos – poeta desconhecido –, além do que se observou, nos

faz um alerta para repensar uma das questões fundamentais da historiografia e com a qual muito se preocupa a crítica literária e cultural contemporânea, principalmente os estudos de Literatura Comparada. Ou seja, a fortuna crítica de um escritor, os fluxos/influxos e refluxos de uma obra, as injunções socioeconômicas. No caso de Lobivar Matos, parecem ter sido decisivas para o esquecimento de uma obra que, sem dúvida, constitui uma das páginas da literatura brasileira e de uma história de vida, a do próprio Lobivar, entrecruzada por idas e vindas do Rio de Janeiro para Corumbá, configurando um *ethos* errático, à deriva da história oficial e à margem da vida. Questões como essa, do inexpressivo ou nenhum acolhimento de um escritor, continuam intrigando os estudiosos da literatura, no sentido de avaliar o poder decisivo a que se submete a literatura pela recepção, e quais variantes, como a da difusão mercantil e/ou acadêmica, acabam por excluir ou incluir obras e autores num cânone, que, hoje mais do que nunca, mostra suas lacerações. Atualmente, estudos de natureza crítico-comparativa têm chamado a atenção para o complexo e problemático estabelecimento de obras formadoras do cânone literário. Pesquisas empíricas, realizadas em âmbito universal (FOKKEMA, 2006), demonstram o quanto pode ser relativizado o processo de escolha e a prática de leitura de tal cânone, uma vez que isso representa freqüentemente o banimento de obras e autores igualmente representativos para a formação cultural de uma nação. Também, estudos de crítica, como o de Pascale Casanova (2002), voltam-se particularmente para a avaliação do “sucesso” de certas obras, denunciando o perverso apagamento daquelas que não tiveram acesso à “cidade letrada”, ao “meridiano de Greenwich”, como diz a crítica francesa, ao fazer o balanço da república mundial das letras.

Nesse sentido, Cláudio Cezar Henriques (1997), em artigo que estuda com profundidade o caráter valorativo e as possíveis conceituações do que seja o termo “clássico”, mostrou que autores de inabalável institucionalização canônica e “acima de qualquer suspeita” são também “ilustres” desconhecidos. Exemplifica com o caso Machado de Assis,

ao citar o artigo “A recepção de Machado de Assis em Portugal”, de Pedro Calheiros (apud HENRIQUES, p. 85-100): “Machado de Assis é um desconhecido em Portugal, e nem tenho a certeza de poder acrescentar o costumeiro adjetivo que muito serve nestas situações”.

Aos 21 anos de idade, Lobivar Matos acabara de publicar *Sarobá*, seu segundo e último livro. Faleceu no dia 27 de outubro de 1947 com apenas 32 anos de idade. Numa carta do dia 18 de novembro do mesmo ano, dona Nair, viúva de Lobivar, escreveu do Rio de Janeiro relatando a morte prematura do poeta, “um dia e meio” após uma intervenção cirúrgica a que ele tinha se submetido: “O nosso fim é esse mas a dor é maior quando se trata de uma criatura como ele, moço cheio de esperanças e idéias para o futuro. Em 48 ele queria publicar o seu livro de contos e um de poesias e mais tarde um sobre Mato Grosso”. Tinha planos de publicar outros livros e, de fato, deixou uma significativa coletânea de contos e alguns poemas, que ainda permanecem inéditos, aos quais tive acesso, para consulta, na biblioteca do Professor Lins. Uma cópia dessa carta e um volume da primeira edição de *Areôtorare – poemas boróros* (1935), editado pela Irmãos Pongetti, me foram ofertados pelo Professor Lins. Assim, tornei-me eu também guardador de parcela do espólio artístico-cultural lobivariano. Diante daquele acervo, com todo aquele “arquivo” vivo, manuseei, fiz anotações e reproduções, não só da produção de Lobivar que interessa para a minha pesquisa em curso – atualmente desenvolvo o projeto Regionalismos Culturais: contatos e relações entre literaturas de fronteira –, aqui divulgada através deste artigo, mas também de um valioso patrimônio cultural constituído por várias revistas e periódicos do tempo de Lobivar, tanto do estado de Mato Grosso do Sul como da cidade do Rio de Janeiro, à época das crônicas de João do Rio. Decerto que, à medida que os estudos em torno da vida e obra de Lobivar forem chamando a atenção de outros pesquisadores, a passagem pela biblioteca do Professor Lins se tornará *sine qua non* para os estudiosos da literatura e dos estudos culturais no estado.<sup>3</sup>

Mais recentemente, um fato curioso sobre a descendência familiar do poeta encheu-me de alegrias e fui às pressas levar a notícia ao Pro-

fessor Lins: uma jovem poetisa escreveu-me de Brasília que acabara de se descobrir neta do poeta corumbaense. O professor, perplexo e entusiasmado, anotou o endereço para aferir o que parece ser uma “história de família”. A seu ver, nunca havia sido registrado nenhuma história de descendência ou herdeiro do poeta, que morrera prematuramente aos 32 anos de idade.

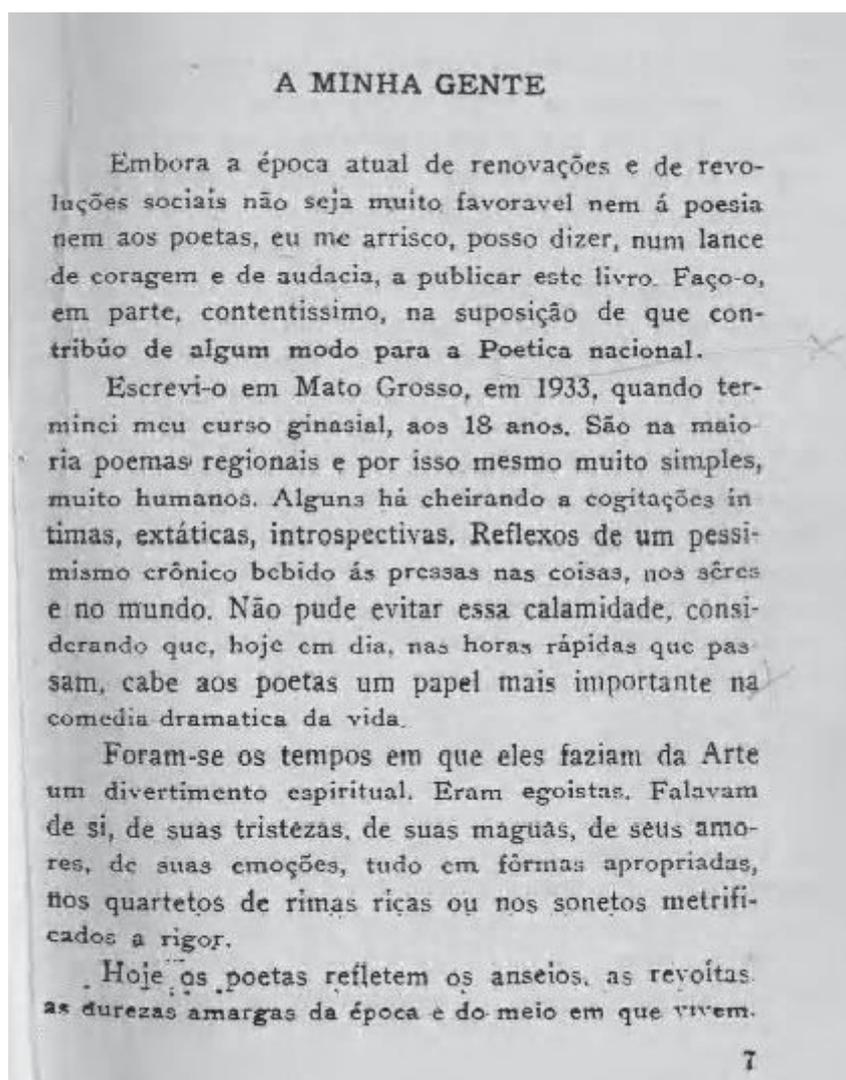
Hoje, distanciados do tempo de Lobivar, podemos voltar o olhar para sua obra, na intenção não só de ressaltar a criatividade do poeta, já celebrada por alguns, mas sobretudo com o propósito de verificar o caráter especialmente vital, dialógico, que sua obra faz instigar na análise de uma região particularmente singular, na relação do local com o global, para onde está se direcionando, de modo especial, o olhar da crítica literária e cultural do continente latino-americano. A reedição das obras de um escritor, mormente nesse caso, é a primeira condição para que um autor seja lido e apreciado; assim, esperamos que a obra de Lobivar cresça no sentido maior de sua valoração, que é o privilégio de ser lida e tornada atual pela geração presente e futura. Com esse objetivo é que reconhecemos a pertinência dessa reedição, esperançosos de que o “nome” do poeta esteja presente nas seleções de leitura das novas gerações, pois, como sabemos, é a contínua e sistemática presença da leitura que assegura o lugar de vitalidade e expressão a todo texto literário e a seu autor. Para concluir, transcrevo o poema “Destino do poeta desconhecido...” – que abre o livro *Areôtare* –, de caráter antológico em meio à parte mais representativa da obra do escritor:

Eu sou o poeta desconhecido...

Andei de cidade em cidade;  
caminhei por vilas, grutas e montanhas;  
atravessei riachos, pantanais imensos;  
venci, afinal, todas as distâncias  
com o mesmo heroísmo selvagem  
da minha tribo, forte e guerreira...

A ilusão é minha amiga e meu consolo. (MATOS, 1935, p. 9)

Ainda à guisa de conclusão, reproduzo as páginas 7 e 8 do mesmo livro, nas quais o escritor evoca “a minha gente” e em seguida explica a origem etimológica do vocábulo “areôtorare” que intitula seu livro:



## LOBIVAR MATOS

Quebrando os velhos moldes, abandonando os temas irrisórios, dando largas ao pensamento livre, os poetas da geração moderna são obrigados a falar nas coisas humildes, nos dramas cruciantes dos desgraçados, dos miseráveis, dos párias sem pão, sem amor e sem trabalho.

Esse é o papel dos poetas da minha geração!

Eis porque considero calamidade esses poemas íntimos em que falo de mim com um pouco de vaidade, de orgulho e de altivez.

AREÔTORARE (1) é palavra de origem indígena. Entre os boróros, era todo índio privilegiado na aldeia onde vivia, como profeta, orador, historiador, contador de lendas, etc. À noite, em volta de fogueira asanhada ou à luz do luar, os boróros se reuniam para ouvi-lo. Espichados na arcia, uns; outros, acorados, mas todos atentos, escutavam o verbo do irmão privilegiado, o verbo profético que lhes repetia histórias, que lhes transmitia tradições e que lhes explicava os fatos de maior relêvo.

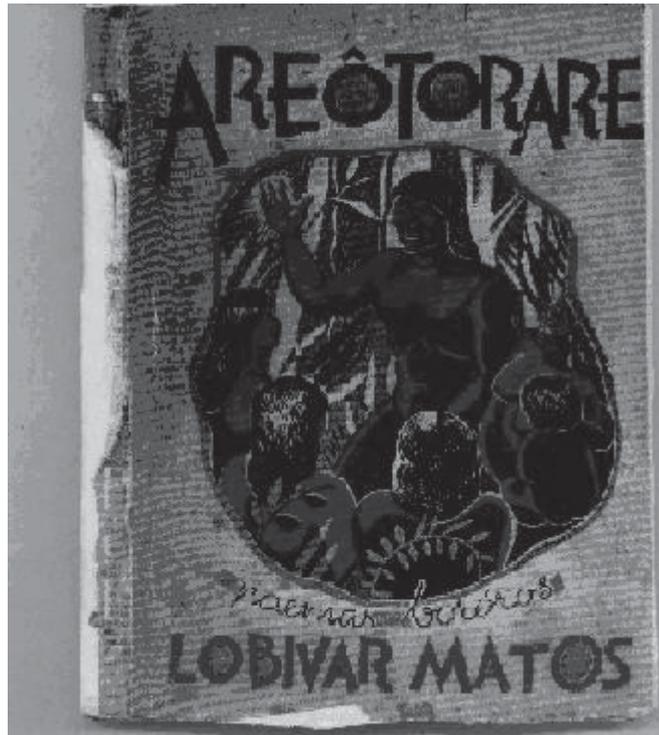
Ao explicar a minha gente a significação da palavra que titula este livro, sinto-me como Arcôtorare, feliz, rodeado por boróros que me escutem...

RIO — 35.

Índios de Mato Grosso — General Melo Rêgo ("Revista Brasileira", 1.º ano, tomo 3).

8

Anexo A: Capa reproduzida da primeira edição de *Areôtorare – poemas boróros*.



LOBIVAR MATOS IN THE PERIPHERICAL GLOBAL REGION: LIFE AND WORKS

ABSTRACT

This essay aims to publish a research concerning the work of Lobivar Matos, a writer from Mato Grosso do Sul. It refers mainly to the enlargement of the focuses of studies on the collection of the works of a regionalist writer whose name and work are shown to present a significant productivity for the contemporary Cultural Studies.

KEY WORDS: Lobivar Matos, research, cultural studies, sul-mato-grossense region.

## NOTAS

- 1 Uma cópia desse poema, em manuscrito assinado por Lobivar, compõe parcela do acervo do escritor a mim ofertada pelo Professor Lins.
- 2 Cf. Anexo A: Capa reproduzida da primeira edição de *Areôtorare – poemas boróros*.
- 3 Nesse sentido, remetemos para o artigo “Uma trajetória de pesquisa: a literatura no extremo oeste do Brasil”, de nossa autoria, publicado na *Revista Cerrados*, Brasília, n. 19, 2005.

## REFERÊNCIAS

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

FOKKEMA, Douwe; IBSCH, Elrud. *Conhecimento e compromisso: uma abordagem voltada aos problemas dos estudos literários*. Porto Alegre, 2006.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. Sob o signo dos quatro. *Matraga*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 85-105, out. 1997.

LINS, José Pereira. *Lobivar Matos: o poeta desconhecido*. Dourados: Ed. Colégio Oswaldo Cruz, 1994. 68 p.

\_\_\_\_\_. Lobivar Matos: o homem e o poeta. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Ciclos de literatura comparada*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2000, p. 93-116.

\_\_\_\_\_. “Dossiê” Lobivar Matos. Palestra apresentada no VI Ciclo de Literatura, em 29 nov. 1998. 25 p.

MATOS, Lobivar. *Areôtorare: poemas boróros*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935. 73 p.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Lobivar Matos: um clássico desconhecido. *Síntese da ANPOLL*. Niterói: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, 2002. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Uma trajetória de pesquisa: a literatura no extremo Oeste do Brasil. *Revista Cerrados*, Brasília, n. 19, p. 143-158, 2005.